

UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO NUMA TURMA MULTISSERIADA EM ÁGUA BRANCA-AL

Rita Marles Gonçalves; Claudiana dos Santos Vieira; Eva Pauliana da Silva Gomes
(Orientadora)

Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – ritamarles@outlook.com / Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – claudiasvd01@gmail.com / Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) – e.pauliana@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar os principais desafios do professor alfabetizador da rede pública municipal no sertão alagoano. É importante ressaltar que esta pesquisa é fruto de uma investigação desenvolvida na disciplina Alfabetização e Letramento no curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)-Campus do Sertão em Delmiro Gouveia, AL. Os objetivos específicos foram: perceber como se dá o processo de Alfabetização e letramento dos discentes numa turma multisseriada no município de Água Branca- AL; discutir sobre os limites e possibilidades do professor alfabetizador no município pesquisado. A pesquisa foi de cunho qualitativo, para coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, além disso, a observação foi um dos mecanismos de conduta para analisar os registros das atividades dos alunos. O sujeito da pesquisa foi uma professora que leciona numa turma multisseriada, a escola visitada está situada no bairro Distrito Tabuleiro, Zona Rural do município de Água Branca- AL. O referencial teórico parte dos estudos de Soares (2003), Libâneo (2004), Ferrero (2011), Benevenuti e Fischer (2009), entre outros. A partir dos dados coletados e da posterior análise, os resultados apontaram que de 5 (cinco) discentes da turma do 3º ano do Ensino Fundamental 1, apenas 1 (um) era alfabetizado. Os outros 4 (quatro) ainda estavam em processo de alfabetização e segundo relatos da professora estes possuem necessidades educacionais especiais (NEE) e assim pôde-se notar que ela enfrenta grandes desafios na sua prática pedagógica diante de uma turma com várias peculiaridades.

PALAVRAS- CHAVE: Alfabetização e letramento, Turma multisseriada, Desafios.

Introdução

As práticas de linguagens estão presentes na relação entre alfabetização e o letramento, ambos são necessários e indispensáveis na construção do saber e do conhecimento. A alfabetização e o letramento são processos complexos, muito mais que ler e escrever, é desenvolver habilidades e reflexões acerca de seu uso nas relações sociais. Segundo Tfouni (2010, p. 11) “a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem [...] o letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita”.

O processo histórico da alfabetização no Brasil mostra a problemática, das práticas de ensino, entre elas destaca-se o ensino tradicional, o qual traz para a atualidade alguns retrocessos e atraso no processo de ensino e aprendizagem. Um dos fatores de tais consequências, está justamente na formação estagnada oferecida pelo poder público de muitos profissionais da educação que não tem acesso a uma formação continuada que atenda as demandas necessárias, além disso, é possível perceber os baixos salários, a falta de infraestrutura, a ausência de materiais, entre outros, os quais refletem nas práticas aplicadas em sala de aula.

A partir destas considerações, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar os principais desafios do professor alfabetizador da rede pública municipal no sertão alagoano. É importante ressaltar que esta pesquisa é fruto de uma investigação desenvolvida na disciplina intitulada como Alfabetização e Letramento no curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)-Campus do Sertão em Delmiro Gouveia, AL. Os objetivos específicos foram: perceber como se dá o processo de Alfabetização e letramento dos discentes numa turma multisseriada no município de Água Branca- AL; discutir sobre os limites e possibilidades do professor alfabetizador no município pesquisado.

A partir dos objetivos apresentados e da posterior coleta de dados, a pesquisa teve o intuito de perceber como se dá a alfabetização dos educandos do 3º do Ensino Fundamental I e como a professora desenvolve práticas alfabetizadoras, quais incentivos recebidos por ela, se a situação da escola favorece ou não, quais os desafios enfrentados por ela, tendo em vista a atuação em uma turma multisseriada, com presença de algumas crianças tidas segundo ela, “com necessidades educacionais especiais”, mas que ainda não têm um diagnóstico.

Metodologia

A pesquisa foi de cunho qualitativo, de acordo com Guerra (2006), por meio dessa abordagem, espera-se apreender as principais concepções das vivências cotidianas do espaço em análise, assim como perceber os desafios e os dilemas que perpassam a referida política. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, além disso, a observação foi um dos mecanismos de conduta para analisar os registros das atividades dos alunos, foram analisados dois cadernos sendo um dos alunos que apresenta maior dificuldade na alfabetização e o outro que apresentava mais facilidade no processo segundo o relato da docente entrevistada.

De acordo com Gil (2008, p. 109),

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O método investigativo da entrevista nos concedeu possibilidades de formular perguntas a docente sobre o processo de alfabetização dos discentes da instituição, bem como sobre sua formação para atuar na área e os desafios inerentes à prática pedagógica diante da alfabetização e do letramento.

A escolha da instituição selecionada para execução da pesquisa deu-se pelo fato da nossa motivação em conhecer mais de perto a realidade escolar de alfabetização dos estudantes da escola de Zona Rural da localidade em que residimos e pela aproximação com a mesma, além disso, por se tratar também de uma escola com turmas multisseriadas (que atende a várias séries em uma mesma turma).

Após a elaboração do roteiro de entrevista, fomos até a instituição saber do aceite da docente ou não para com a pesquisa que seria desenvolvida. Recebendo o aceite, realizamos a entrevista no intervalo de aula dos estudantes e pudemos também fazer registros dos cadernos dos estudantes por meio da observação, sobre como estavam sendo processadas sua alfabetização e escrita das palavras. Em seguida, prosseguimos a análise dos dados e resultados da pesquisa.

Resultados e discussões

A alfabetização e o letramento é um processo que envolve níveis de complexidades crescentes, assim pode-se refletir sobre a relevância do professor alfabetizador, pois diante de alguns limites e desafios ele carrega consigo a responsabilidade de ser um facilitador no processo de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar.

As aprendizagens das letras, sua codificação (leitura) e decodificação (escrita), é construída através da mediação do professor na instituição educacional, como também em

outros espaços, quanto ao letramento poderá ser fortalecido neste mesmo espaço, porém ele poderá ser percebido anteriormente, dentro do convívio social da criança.

Quando nos alfabetizamos, aprendemos um sistema de representação da linguagem humana que toma como objeto de representação inicial os sons da fala, mas, posteriormente, para anular a variação lingüística, tende a se afastar da fala por meio da ortografia. Apesar de mais completa, essa definição, porém, ainda é insatisfatória. Não aprendemos esse objeto em si mesmo, mas no interior de processos de leitura e de escrita. Isso significa que capacidades ou procedimentos como, por exemplo, reconhecer letras, categorizar letras grafadas de forma diferente, realizar processos de análise e síntese de sílabas e palavras, adquirir fluência em leitura e rapidez na escrita, são também importantes dimensões daquilo que aprendemos quando nos alfabetizamos (SOARES, 2005, p. 43).

Para a autora, alfabetizar vai muito além do que saber ler e escrever, como se tem tradicionalmente percebido. É importante, que a alfabetização venha em união ao letramento, e que, essa junção possibilite ao sujeito aquisição de habilidades, que facilitará seu desenvolvimento em meio às dificuldades em suas vivências educacionais, e de vida.

A presente pesquisa como já ressaltado, deu-se em uma Escola da Zona Rural, em uma turma multisseriada do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. A turma é composta por 19 (dezenove) alunos, no entanto, a investigação foi designada aos alunos da turma do 3º ano, a qual possui 5 (cinco) alunos, a partir da análise foi possível perceber que dentre eles apenas 1 (um) é alfabetizado, mas levando em consideração que os 4 (quatro) que não são alfabetizados apresentam segundo relato da professora, “necessidades educacionais especiais”, mas que não são ainda diagnosticadas por um profissional especializado, mesmo assim, frequentam a sala de Recursos uma vez na semana no Núcleo da escola. E a professora ressaltou que é apenas ela para dar conta de uma turma que apesar de multisseriada, ao todo são sete que têm alguma necessidade educacional especial, e não têm ajuda de outro profissional, que seria seu direito ter um (a) auxiliar, e nesse ponto já percebe-se os desafios que essa professora enfrenta na sua prática pedagógica e o descaso dos órgãos públicos ao lidar com a questão.

Ao analisar os registros dos cadernos de dois estudantes percebeu-se de fato, aquele que já é alfabetizado, que já copia as atividades pelo quadro, quanto à criança que não é alfabetizada verifica-se que ela apenas reproduz o que a professora copia no caderno, construindo ainda pequenas palavras, estando ainda mesmo no processo de conhecimento dos códigos, o que precisa de muita atenção da professora para este desenvolvimento.

A professora da referente escola tem formação em Pedagogia e especialização em alfabetização e letramento, possui cinco anos de docência, seu processo seletivo para atuar na escola se deu por meio de concurso público. A mesma revelou que este é o primeiro ano que leciona para turmas do 3º ano, quando indagada sobre quais os incentivos oferecidos pela escola para a formação continuada dos professores alfabetizadores ela ressaltou que era “o programa federal Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (PROFESSORA), contudo quando perguntado se ela havia participado de algum curso de formação continuada com foco na alfabetização ela coloca que “ainda não participei dos cursos ofertados pela prefeitura, pois esta é a primeira vez que fico com a turma de 3º ano” (PROFESSORA), sendo assim, a mesma falou que conhece o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) “só de ouvir falar” (PROFESSORA), para ela “é uma informação preciosa para os professores de alfabetização, uma vez que vem como um norte para auxiliar na prática pedagógica em sala de aula” (PROFESSORA).

Desta forma, como a professora mesmo comenta, ela não tem uma participação em cursos de formação continuada, demonstra interesse, mas é preciso que agora ela realmente participe, já que leciona para turmas do 3º ano como bem frisou. Um dado importante é que ela tem a especialização na área de Alfabetização e Letramento o que ajuda nesse processo de alfabetização das crianças, mas isto não basta, há muito que se conquistar nesses desafios de uma professora alfabetizadora que encontra inserida em uma escola que não oferece todos os materiais específicos e suficientes para uma prática mais inovadora. Além do mais, a mesma salienta que não é reconhecida profissionalmente. Ferreiro (2011) ressalta que, o professor alfabetizador deveria ser considerado o mais privilegiado e importante de toda a escola primária, afinal é por meio dele que o educando é alfabetizado, e a partir disso, vai se aperfeiçoando no seu processo educacional.

De acordo com a docente as ações de planejamento da escola, ocorrem junto à coordenação uma vez no mês, e pelos professores todas as semanas, a mesma ressalta que eles têm autonomia, uma autonomia que não vai muito além dos planejamentos, todos os conteúdos utilizados na alfabetização advém dos repassados pelo MEC, e dos livros didáticos, observa-se que falta práticas inovadoras e a falta de recurso é evidente. Segundo Libâneo (2004) a participação é essencial para que se haja uma gestão democrática, necessitando do engajamento de todos nas tomadas de decisões, ou seja, todos que fazem parte da comunidade escolar devem ter o direito à participação, à opinar nas decisões a serem tomadas em relação ao funcionamento da instituição escolar.

A grande queixa da docente em relação à alfabetização, está relacionada à turma multisseriada e a quantidade de educandos com necessidades educacionais especiais (NEE), sendo 3 (três) turmas juntas, uma das maiores dificuldades colocada pela mesma é justamente a dificuldade na aplicação dos conteúdos e no atendimento às necessidades de cada educando em suas especificidades. Os métodos de alfabetização utilizados pela docente, ainda contém propostas tradicionais, no entanto, diz buscar mesclar ideias de Paulo Freire e acreditar que é preciso alfabetizar letrando.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pelo aquisição do sistema convencional de escrita- a alfabetização- e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita- o letramento (SOARES, 2003, p.14).

Embora com as inúmeras dificuldades, percebe-se a vontade de fazer a diferença por parte da docente, alfabetizar esses educandos que possuem necessidades educacionais especiais, é muito mais complexo. Neste contexto a boa vontade sozinha não produz eficácia. As problemáticas da escola estão por toda parte: na sala multisseriada; no ambiente não ventilado e mal iluminado; na falta de materiais didático-pedagógicos; na ausência de acompanhamento de profissional especializado; nos baixos salários dos professores; na valorização profissional, entre outros.

A escola é o alicerce para que tenhamos uma base educacional concreta, sólida, e cabe a cada representante buscar incentivos e motivação, como conseguir um bom resultado com tantas barreiras? O que se pode fazer com quase nenhum recurso disponível? E, o pior agravante é um poder público que fecha os olhos a essas questões. São muitas as dificuldades encontradas pelos professores não somente os alfabetizadores, mas todos os outros.

Ferreiro (2011) vem enfatizar que na sociedade global na qual habitamos, os requisitos são de indivíduos que sejam alfabetizados e que assim sendo estes indivíduos podem reivindicar e exigir o direito de serem alfabetizados, já que esta é uma das necessidades das quais a sociedade passa a exigir cada vez mais, ou seja, a alfabetização deve fazer parte da sociedade, todos têm direito ao acesso, mas, é um acesso que reivindica melhorias na qualidade a ser ofertada.

A escola referente à pesquisa, muito embora disponha de uma professora que tenha interesse e engajamento na alfabetização das crianças, precisa de mais apoio, incentivo, espaços e materiais didáticos, para sua prática pedagógica. Segundo a entrevistada “a escola não dispõe de recursos necessários” e assim a escola acaba também dificultando o acesso a inovações, sem contar que a alfabetização deve vir interligada ao letramento e é preciso que seja propiciado ao educando vivenciar estas experiências, pois, “a apropriação da linguagem escrita e a prática da cidadania sofrem uma impregnação recíproca, de modo que uma não pode existir plenamente sem a outra” (BENEVENUTTI; FISCHER, 2009, p. 5064).

De acordo com Benevenuti e Fischer (2009) alfabetizar exprime oportunidade oferecida aos sujeitos de que eles mesmos façam a leitura crítica da realidade com maior significado, “além das letras”. Nesse sentido, é preciso que as crianças passem a compreender as funções da língua escrita no uso do convívio social, ou seja, os professores trabalhem práticas de alfabetização e letramento a partir do conhecimento que as crianças já vivenciam fora do espaço de sala de aula.

Na concepção tradicional de aprendizagem, não se apresenta a escrita como um objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto que é possível modificar para tratar de compreendê-lo, e sim como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente (sonorizado fielmente e copiado com igual fidelidade) (FERREIRO, 2011, p.71).

A partir da análise de um dos cadernos notou-se a reprodução do código da letra tendo a criança que repetir o que a professora copiou revelando ainda práticas tradicionais de alfabetização. Para o alcance de uma melhor compreensão da análise, os alunos foram caracterizados como **A** e **B**.

O discente **B** tem melhor desenvolvimento, apesar da letra está em processo de construção da língua escrita, já se percebe que começa a compreender o que é proposto. O mesmo está na fase da escrita alfabética, está apropriado dos códigos, embora nota-se que ainda tem a escrita espelhada em alguns casos e hipercorreção. Mesmo a docente afirmando que o aluno está alfabetizado, não se pode dizer que também está letrado.

Constata-se de fato, que o processo de aprendizagem da escrita e leitura está em atraso entre as duas crianças analisadas. No entanto, vale ressaltar que o discente **A**, segundo informações colhidas pela docente, possui necessidades educacionais especiais, o caderno com suas atividades prova que é possível o seu desenvolvimento educacional.

O discente **A**, está na escrita pré-silábica, passou da fase das garatujas, mas ainda não compreende o alfabeto, sua escrita apresenta letras aleatórias, e ainda tem realismo nominal. A docente se esforça em fazer atividades para tal construção, mas é fato que a discente **A** apenas tenta repetir o que lhe é pedido. Não se apoderou da escrita e nem da leitura.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou analisar os principais desafios do professor alfabetizador da rede pública municipal no sertão alagoano. Diante do exposto, foi necessário e relevante fazer uma reflexão sobre as práticas e desafios que são encontrados pelos professores no âmbito escolar na zona rural.

Os resultados apontaram que há descaso dos órgãos públicos, com a falta de inúmeros recursos, ocasionando a fragilidade no processo da alfabetização e do letramento. Um ponto positivo, é que na escola em questão analisada, a professora mostra a responsabilidade com as práticas de alfabetização e letramento, que em meio a desafios de uma turma multisseriada e com crianças que possuem alguma “necessidade educacional especial” luta para que seus educandos aprendam e acredita que é preciso alfabetizar letrando.

Diante da pesquisa realizada percebe-se que ainda há muita coisa a ser incrementada nas políticas e práticas alfabetizadoras, para que de fato a escola se torne um ambiente mais propício e próspero ao aprendizado, a começar pelo próprio espaço físico da escola que é muito pequeno e inadequado. Logo, compreende-se que é necessário algumas mudanças principalmente no modo de se pensar em educação, o poder público precisa ser cobrado e acionado a trabalharem, voltando esse olhar para nossos educandos que precisam desse desenvolvimento desde muito cedo, precisam de fato receberem um bom aprendizado através de profissionais satisfeitos com sua função e com salário digno, e preparados para determinados cargos, para que se desenvolvam e desenvolvam a sociedade como um todo.

Para alfabetizar os professores necessitam de ferramentas inovadoras ao ambiente escolar e são necessárias que tais recursos sejam ofertados a escola, pois o professor sozinho, não pode arcar com todos os custos. E se são cobrados os resultados, mais atenção e investimentos precisam ser dados ao enfoque da educação e alfabetização dos discentes da

presente instituição de ensino cuja finalidade seja atender aos objetivos solicitados em que todas as crianças possam ser alfabetizadas na idade certa.

Portanto, torna-se relevante mencionar que as considerações aqui apresentadas devem ser vistas como registro inicial do estudo realizado, pois o trabalho sinalizou várias lacunas e deixou tantas outras a preencher. Desse modo, percebe-se que o tema alfabetização e letramento é muito amplo e suscita a realização de outros estudos na rede pública municipal no sertão alagoano.

Referências

BENEVENUTTI, Zilma M. Sansão; FISCHER, Julianne. **Alfabetização e Letramento: o que registram os alunos e o que dizem as professoras do 1º ano do ensino fundamental**, IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009, p.5055-5067.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo**. Sentidos e Formas de Uso. Cascais, Portugal: Editora Principia, 2006.

GIL, Antônio Carlos (2008). Entrevista. In_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, São Paulo: Atlas, 6. ed., p. 109-120.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**, Revista Brasileira de Educação, 2003, p.5-17.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em:

http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2001%20Alfabetizacao_Letramento.pdf. Acesso em 28 de jun de 2018.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez: 2010.